

DF-Invasão

MORADORES DE RUA

Em operação conjunta, 45 pessoas recebem notificação para deixar áreas públicas na Asa Norte. Neste ano, 28 ações já resultaram na remoção de 2.096 famílias em todo o DF, mas muitas voltam aos locais

Derrubados 38 barracos no Plano

PABLO REBELLO

DA EQUIPE DO CORREIO

A fumaça levantava-se da fogueira improvisada de baixo de uma árvore na tarde de ontem. Fogo usado para aquecer o feijão, que iria alimentar quatro moradores de rua em um acampamento improvisado, com direito a armário e sofá. Mas, antes que o almoço ficasse pronto, um carro da Polícia Militar cortou o gramado e parou perto do grupo. Outros veículos de diversos órgãos do governo local chegaram em seguida. Os sem-teto sabiam o que viria a seguir. Colchões, móveis e até um carrinho de compras foram levados embora em um caminhão. Para os desabrigados, ficou o aviso para deixarem o local antes dos agentes partirem para outra invasão de área pública.

A situação se repetiu ontem em pontos diferentes da Asa Norte (veja arte). No total, 38 barracos foram derrubados, 45 pessoas notificadas, e cinco caminhões partiram para o lixão lotados de entulho. Todos os sem-teto foram informados de que poderiam receber auxílio da assistência social, ser encaminhados para abrigos ou ganhar passagens de volta para suas cidades de origem. Nenhum deles aceitou a proposta do governo. A operação ocorreu após publicação de reportagem no *Correio* de ontem, que apontou os principais focos de invasão na capital federal.

Participaram da ação representantes das Secretarias de Desenvolvimento Social (Sedest), de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente (Sudesa), da Subsecretaria de Fiscalização (Sufis), além do Serviço de Limpeza Urbana (SLU), Companhia Imobiliária de Brasília (Terracap) e polícias Civil e Militar. Segundo a sargento Paula Garcez, da Sudesa, operações como a de ontem costumam ocorrer de três a quatro vezes por semana. A próxima está marcada para amanhã, quando os órgãos do governo devem se concentrar na erradicação de invasões na Asa Sul. Mas o problema não desaparece. "Os moradores de rua insistem em permanecer nos locais", afirmou a sargento.

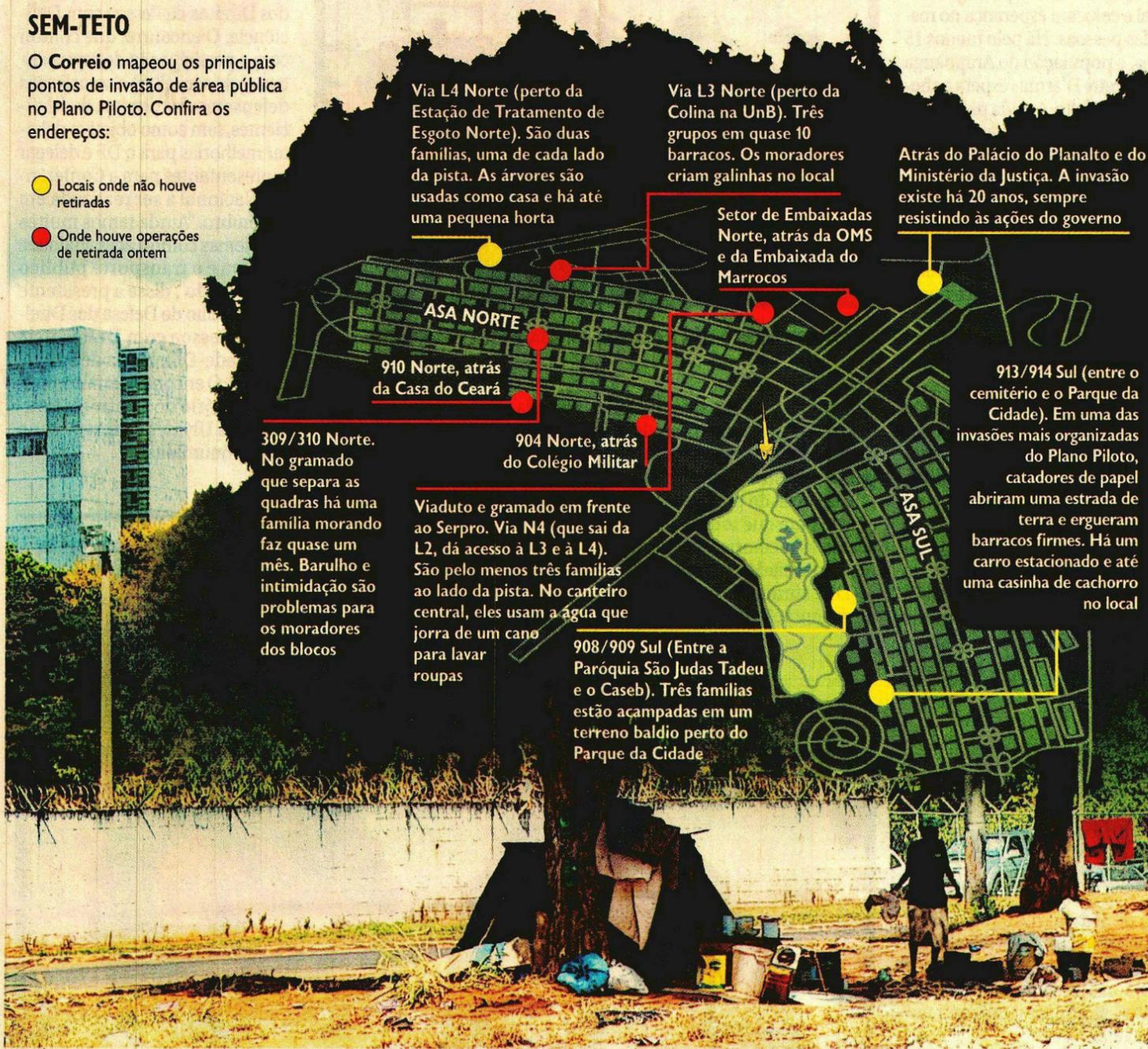
"Vício"

Opinião compartilhada pelo secretário de Desenvolvimento Social, Edgar Lourencini. "Nós nos esforçamos, mas sabemos que esse vaivém é um vício para eles. Muitos preferem continuar nessa situação", detalhou. Desde o início

SEM-TETO

O *Correio* mapeou os principais pontos de invasão de área pública no Plano Piloto. Confira os endereços:

- Locais onde não houve retiradas
- Onde houve operações de retirada ontem



Via L4 Norte (perto da Estação de Tratamento de Esgoto Norte). São duas famílias, uma de cada lado da pista. As árvores são usadas como casa e há até uma pequena horta

Via L3 Norte (perto da Colina na UnB). Três grupos em quase 10 barracos. Os moradores criam galinhas no local

Atrás do Palácio do Planalto e do Ministério da Justiça. A invasão existe há 20 anos, sempre resistindo às ações do governo

Setor de Embaixadas Norte, atrás da OMS e da Embaixada do Marrocos

910 Norte, atrás da Casa do Ceará

309/310 Norte. No gramado que separa as quadras há uma família morando faz quase um mês. Barulho e intimidação são problemas para os moradores dos blocos

Viaduto e gramado em frente ao Serpro. Via N4 (que sai da L2, dá acesso à L3 e à L4). São pelo menos três famílias ao lado da pista. No canteiro central, eles usam a água que jorra de um cano para lavar roupas

908/909 Sul (Entre a Paróquia São Judas Tadeu e o Caseb). Três famílias estão acampadas em um terreno baldio perto do Parque da Cidade

913/914 Sul (entre o cemitério e o Parque da Cidade). Em uma das invasões mais organizadas do Plano Piloto, catadores de papel abriram uma estrada de terra e ergueram barracos firmes. Há um carro estacionado e até uma casinha de cachorro no local

Daniel Ferreira/CB/D.A Press



RETIRADA DE MORADIAS NA 910 NORTE: CINCO CAMINHÕES DE ENTULHO

que estão, livres, do que ficar em uma instituição do Estado, onde sentem que seriam oprimidos", explicou o professor.

Não houve resistência por parte dos moradores de rua durante

as erradicações das invasões. Muitos reclamaram da situação, mas nenhum partiu para a violência. Um rapaz que morava com a irmã em uma barraca de lona próxima à Colina, área resi-

dencial da UnB, chegou a segurar um martelo quando viu os agentes do governo se aproximarem. Ficou tenso por um minuto. Mas logo largou a ferramenta e se afastou, sem querer conversar.

Sofá novo

A desabrigada Maria Vera Lúcia Ribeiro da Silva, 28 anos, discutiu com policiais, assistentes sociais e fiscais ao ver os móveis que ganhou de doações serem levados embora na 309/310 Norte. "O sofá é novinho. Aposto que vão levar para a casa de alguém", gritou, com o filho de oito meses a tiracolo. Ela contou que veio para Brasília do Rio Grande do Norte há 20 anos e sempre viveu nas ruas. Reclamou que não consegue arranjar emprego ou um lugar para morar. "Durmo ao relento mesmo. Com a ajuda dos Barões, que nos fazem doações", disse. Ela nem cogita a opção de ir para um abrigo. "Já fui para

O QUE DIZ A LEI

Os agentes responsáveis pela erradicação de invasões levam em conta duas leis federais e um direito constitucional na hora de lidar com moradores de rua. A Lei nº 6.766, de 1979, que trata do parcelamento do solo, garante ao Estado a retirada dos barracos e outras edificações levantados em áreas públicas. Já a Lei nº 9.065, de 1998, dispõe sobre sanções a atividades lesivas ao meio ambiente, o que permite aos agentes limpar locais ocupados por sem-teto.

Mas o Estado não pode retirar as pessoas do local ocupado graças ao Artigo 5º da Constituição Federal, que, entre outros pontos, confere ao indivíduo o direito de ir e vir. Agentes sociais oferecem aos moradores de rua a possibilidade de serem assistidos pelo Estado, levados a um albergue ou ganharem passagens para voltar a suas cidades de origem. Se há crianças, os pais recebem um prazo para mudar de situação. Caso isso não ocorra, os pequenos são recolhidos pela Vara da Infância e da Juventude (VIJ) e a questão vai para a Justiça.

COLABOROU RAPHAEL VELEDA